

ADOMOHO

O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO: CARICATURISTA SILVA E SOUZA

<p>DIRECTOR E PROPRIETARIO ESTEVÃO DE CARVALHO SECRETARIO DE REDACÇÃO JULIO DUMONT (ORLANDO) COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO NA EDITORA L. COMDE BARAG, 50-LISBOA</p>	<p>REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. ANTALAYA-N.º 12827 LISBOA</p>	<p>ASSIGNATURAS ANNO..... 1000 REIS. SEIS MEZES..... 500 TRES MEZES..... 300 NUMERO AVULSO 20 REIS. ANUNCIOS: PREÇO CONVENCIONAL.</p>
--	--	---

ANNO 2.º

N.º 88

Terça feira, 2 de NOVEMBRO de 1909

Um finado que resuscita



SILVA E SOUZA

— Chega-te depressa, meu querido filho, que eu eston quasi a desfalecer. O Banana tem-me por conta, mas é Iructo que não me agrada.
— Eu é que lá vou com esta tochasinha, dar-lhes duas arrochadas na lombeira, que até ficam malzaos de todo.

CHRONICA

De ha um tempo a esta parte e sem que se comprehenda o porque, paira sobre a sociedade portugueza uma atmosfera de terror.

Não se faja alto e bom som; se-greda-se.

Sem um motivo plausivel todos nós nos sentimos espionados, perseguidos, ameaçados por um inimigo traiçoeiro e vingativo.

A final esse mau estar permanente, a descambar em monomania da perseguição, deve-se unica e exclusivamente a boatos infundados, mas que correm de bôcca em bôcca sem que se lhes conheça a proveniencia.

— F. foi preso, F. recebeu cartas anonymas ameaçando-o, etc., etc.

Pura invenção, *blague* apenas e que no entanto ecôa pela cidade com visos de verdade incontestavel.

Vejam os quem aproveita esse desasoço dos espiritos, para vêr se de alguma fórma se poderá tirar por conclusões de onde partem taes noticias.

Está no espirito de todos, parecos que até no das auctoridades, que essas lerias das pseudo-bombas não passaram de farça mal ensaiada.

No entanto a policia poz-se em campo; chamou gente a perguntas, inquiriu ou fingiu inquirir sem resultado pratico.

Para que se representou então a farça?

Indiscutivelmente para aterrorisar e talvez justificar violencias futuras.

Os boatos de *intentionas* ridiculas, que apparecem de vez em quando annunciados até nas entrelinhas da prosa arrevesada das folhas reaccionarias, tambem não visam outro fim senão o de alarmar os espiritos, preparando-os para qualquer aventura em preparação.

Para conseguir os fins todos os meios são bons, é doutrina jesuitica muito conhecida e nós todos bem sabemos que a reacção não dorme.

Conjugando estes factos, não poderemos suspeitar dos tetricos boatos de prisões e violencias injustificadas, como proviindo da mesma gente que insinua *intentionas* e simula bombas nas egrejas?

Não podemos affirmar-o, mas a logica diz-nos que não estamos em caminho muito errado.

Acostumado o espirito publico a esse *plato del dia*, quando realmente o boato fór verdadeiro e fundamentado já não provoca a indignação resultante de uma noticia inesperada.

Quando se ouvir dizer a alguém que homens liberaes e livres de culpas foram atirados para immundos calabouços, ninguem estranhará e o commentario immediato não pôde passar d'isto:

— Ora! Ha tempo que dizem isso e a final não é verdade.

E friamente, na quasi certeza de uma *blague*, ninguem dará credito á noticia e só tarde, muito tarde, quando o pro-

testo já seja tardio e extemporaneo, é que se verá a realidade.

Deve ser isso que visa o reaccionarismo atrevido, quer elle use sotaina negra como a alma da seita, quer envergue casaca ou rutilante farda.

O que se deve pois é não dar curso a taes boatos alarmantes, antes que se tenha absoluta certeza do seu fundamento.

Procurar com insistencia saber de fonte segura a realidade e dizel-a então alto e bom som, para que todos bem a ouçam e melhor a comprehendam.

Só assim estalará a castanha na bôcca aos devotos fabricantes de terrorismos inventados.

Combatendo a obra da reacção por este e por todos os meios, combater-se-ha o problematico perigo de violencias, despotismos e atrocidades.

Nos antros da ignominiosa seita trabalha-se na treva contra a Liberdade.

Não ajudemos essa obra nefasta, antes lhe prejudiquemos quanto possivel os infamissimos intuitos.

ORLANDO.

O Wenceslau Berimbau vae deixar o governo para entrar no Varatojo.

Que bojado fradilhão de larga venta!...

Não ha por ahi mais quem queira ir para o forte d'Elvas?

E' só mandar uma cartinha ao Cardeira.

Origem d'um Banana

Nas ondas revoltadas, espumantes
Erguidas ao sabor do furacão

Soprando iracundo
Boiava o prototypo dos farçantes,
Um tímido Banana, um charlatão,
Um triste vagabundo.

Em gestação estivera longo prazo
Até que o mar um dia o deitou fóra
Na praia aos trambulhões.
Crustaceo que nascido do acaso
Na areia se arrastava com demora
Atraz dos camarões.

O mar despreza-o; dá-lhe outra taponá;
Atira-o mais além, já estonteado
Aonde o sol aquece.
O pobre bicharoco viu uma fona,
Depois por entre as pedras entalado
Já quasi que perece.

Emfim; a providencia é bondosa
E um dia o crustaceo já crescido
Vagueia pela praia.
Mas, eis que a Reacção vem pressurosa,
Agarra por uma perna o desvalido
E cobre-o com a saia.

Defuma-o no thuribulo incensante;
Afaga-o, dá-lhe vida. E' mausinho.
Vae ser domesticado.
Dizia então a velha delirante:
Mas como elle se queda, coitadinho,
Nasceu predestinado.

Depois cobriu-lhe o peito de commendas;
Pintou-o de vermelho, qual santola,
Com molho de colorau.
Tapou-lhe no costado algumas fendas,
Empresta-lhe um rosario e uma estola.
E fel-o Wenceslau.

Vae elle então, da farda fez capacho
Por onde um bispo, ufano atravessou;
Um esbirro provocante.
Um acto mais nojento, reles, baixo,
Jámais em tempo algum se consumou,
E' proprio d'um farçante.

E' victima que soffre do que pensa;
E' dedicado, é conservador
E é um bom christão.

A sua sabujice, que é immensa,
Já quiz manchar um homem de valor
De costas, á traição!

.....
Palhaço que se exhibe no grotesco
Movido por cordeis, com certa pose,
N'um palco degradante.
Vae bem no seu papel; é o burlesco.
Na peça tambem ha saltos mortaes...
No fim, na apothese.

STYL.

As bombas (?) vão todas para a Parreirinha.
Servem para a outra vez.

La Cierva não se quiz bater depois de reptado por Soriano.

Ahi valiente!
Que pena não teres lá o forte d'Elvas á mão de semear!

Dizem que vae ser nomeado par o velho e reaccionario Samodães.
Aquelle não é por ter o pae alcaide;
é por ter o filho ministro.

O tempo das bombas

Ha quem diga e com razão
Que já entrámos em junho,
Mez alegre e folião,
Do S. Pedro e S. João,
Da ginginha mais do abrunho.

Lançam-se ahi a brincar
Duas bombas cada dia,
Que nas horas de estalar,
Vão com certeza estostrar
Junto a qualquer sacristia.

Minha prima endiabrada,
Já disse ao padre Vicente,
Que trazia bem guardada
Uma bomba avantajada
Que elle viu todo contente.

P'ra mostrar o meu valor
O meu talento, de arromba,
Vou tambem fazer furor ...

.....
Tape o nariz, meu leitor,
Que eu vou lançar... uma bomba!...

REI LUSO.

O' sr. Balsemão, não ha um tirozinho, uma bomba nem nada?...

Dizem que o menino tem febre.
Pudera!

Nunca mais lhe arranjam femea...

Animatographo... vivo

O calino bispo de Beja conseguiu levar... a melhor.

Reunido em *fraternal* convívio o beatífico grupelho dos *escorropicha-galhetas*, ficou decidido alijar, com uma desconsideração, o sr. dr. Medeiros, que pretendia metter na ordem o sebastianíssimo bispó-teso.

Vibrou o telephone do *Sacré-Coeur* n'aquelle concílio de sacristas de farda e... não foi preciso mais nada.

Salvé, inclito Sebastião-bispo!
Não te esqueças de rezar todas as noites á *Sebastião* da tua devoção dez salverainhas pelo menos.

Corre pensamentos maus,
Se acaso ás vezes os tens
E livra-te de quináus,
Pois nem sempre ha Wenceslaus,
Que dirijam *sacristiães*.

O órgão dos dissidentes, inspirado pelo gordalhudo sr. d'Alpoim diz que "as velhas monarchias só pódem e devem viver, quando entrarem resolutamente, com sinceridade, com lealdade, n'um caminho francamente democratico."

Pois sim.
Quem tem manhas nunca as perde e quem as perde nunca as teve, diz o ditado.

O sr. Alpoim bem sabe isso.
Monarchia n'um caminho democratico???

E' o mesmo que mandar a um elephante de setenta ou oitenta annos que ande a passear sobre um arame dos que usam no Colyseu para exercicios de equilibrio.
Este sr. d'Alpoim sempre tem coisas...

O' que ideia tão lymphatica
Que assim nos veiu dizer!
Monarchia—democratica
Isso é só para inglez ver

O nosso rico João Franco (nunca assaz lembrado), antes de deixar Lisboa foi oferecer os seus *bons officios* ao paço e, segundo corre por ahi, recebeu como resposta que elles seriam aceites "quando fosse *opportuno*."

O que lhes diziamos nós?
Ainda ha de chegar a *oportunidade* e s. ex.^a lá ha de ir todo pimpão e *tezo* fazer vigorar o decreto de 28 de janeiro de 1908.
Olá!

E d'esta vez arranje cocheiro que n'o se metta pela calçada do Carmo a toda a brida... por medo.

Medo da parte do cocheiro, que elle... isso sim!

Valente como se viu no 1 de Fevereiro.

Inda o nosso Joãozinho,
Cheio de força e vigor,
Manda todo ó Zé Povinho
Veranear p'ra Timor.

Prende e reduz nos a pó,
Desterrando tudo a esmo,
Até que fique elle só
A governar-se a si mesmo.

Ha noites um nosso amigo parou no largo do Corpo Santo á espera de um carro, mesmo de frente da igreja.

Foi o bastante para a policia o mandar retirar depois de lhe perguntar o que fazia alli e etc., etc.

Ora realmente se continúa a comedia-farça das bombas... a fingir, deitadas nas igrejas, d'aqui a nada não se póde passar pelas ruas onde haja templos.

Deixem-se lá de *brincalhotes*... *bombasticas*, que ainda não estamos no Santo Antonio.

Entretenham-se a rezar ou a fazer sermões de lagrimas para as proximas endoenças.

Deixem intenções mazombas
E tratem d'outro serviço,
Porque essa leria das bombas...
Ninguém vae n'isso!

ORLANDO.

Bonus Phantastico

Por transtorno de ultima hora, ficou transferida para a proxima quinta feira, 4, a inauguração d'este estabelecimento.

Aos seus proprietarios, os ex.^{mos} srs. Fernando José Patricio e Barreto Perdigão, agradecemos o honroso convite com que nos distinguiram.

Sabem dizer-nos quantas bombas rebentam esta semana?

No dia do julgamento do Leandro & C.^a abre a época de inverno no theatro de D. Maria II.

Não ha maneira...

Consta que o Wenceslau Polycarpo Banana acompanha o monarcha da mocidade bella e radiosa na sua viagem ao estrangeiro.

Decididamente o *pequeno* não tem licença de provar da canja...

Não ha por ahi nenhuma noiva com escriptos?

CONTOS DA ALDEIA

Na torre do velho castello de Nossa Senhora da P. acabara de soar a meia noite. N'uma janella do antigo solar ainda havia luz que frouxamente chegava cá fóra coada pelas cortinas da vidraça.

A um canto da pequena saleta duas mulheres recostadas em largas poltronas, vestindo umas batas de trazer por casa, com grossos cordões de borlas pendentes da cintura, falavam confidencialmente, em francez, por precaução aos ouvidos indiscretos.

— Mas, que te parece, Carlota, dizia a mais gorda, a doença do nosso queridinho será coisa para susto?

— Não. Eu creio que elle está realmente bastante commovido com os ultimos acontecimentos, mas, não é coisa de cuidado; como sabes, convém fazer constar que está doente a valer, porque emquanto aquillo por lá não melhore é prudente não emprender a viagem. E depois, tambem emquanto as coisas por cá se não resolverem a nosso agrado, como esperamos, a viagem não se fará. E' claro. Não se fará. Tem que ser assim, por força. Hão de resolver-se a nosso modo.

Aquelle hereje não deve nem póde ficar á testa dos destinos d'isto tudo na ausencia do pequeno. Era sujeitar-nos a soffrermos alguma brutalidade ou dissabor d'aquelle impio de bigodeiras hirsutas e largas. Olha, Isabel; sabes o que te digo? eu tenho fé na Virgem que tudo se ha de resolver pelo melhor. Elle é só, por assim dizer, e nós, temos muitos elementos, com os quaes elle não conta nem se póde medir em astucia e ronha; que, se fór preciso, todos se porão em pratica. Para se alcançar os fins, todos os meios são bons; tu bem o sabes.

— Clarissimo, retorquiu a outra, sabes que ainda hoje o reverendo L de M ha de vir aqui trazer-nos noticias muito importantes com referencia ao tal negocio? O doutor X, que o trata d'aquelle *grave doença*

(não o levar o diabo sem maisnada), é nosso dilecto e dedicado amigo e poz-se incondicionalmente á disposição do reverendo L de M. E' verdade, que elle tem elementos para o demover a tudo e tu bem sabes que, quando se paga generosamente, não ha impossiveis, tudo se consegue.

N'isto bateram na porta, de mansinho, e Carlota levantou-se a passo de pata chocca e foi abrir quando um velho criado annunciou que se encontrava lá fora o portador d'uma carta que só entregaria a D. Carlota de Mauperrin ou D. Isabel Papajantares, segundo recommendação especial.

— Manda entrar: que se dirija para aqui, mas, com o menos ruido possivel.

O emissario, ao approximar-se, cortejou as duas matronas, já grisalhas, mas em cujos rostos se viam ainda uns restos de belleza apagada e onde transparecia um olhar de sensualidade.

— Ah! é do reverendo... póde retirar-se. Rasgou o envelope soffregadamente e leu o seguinte:

"Minha muito nobre dama e encantadora senhora

O céu protege-nos; tudo vae pelo melhor. Hoje mesmo seremos vencedores. Ao impio será applicada uma injeção e confiando na pericia do medico assistente e com o auxilio de Deus, o mal que n'esta hora nos afflige será completamente delgado.

Mil desculpas de não ir pessoalmente. Preciso ter noticias ameadadas d'elle, por isso entendi dever ficar aqui.

Disponha, nobre senhora, do leal servidor

L de M.,

As duas matronas, em frente de um pequeno crucifixo em cujo oratorio bruxuleava a luz mortíça de uma lamparina, levantaram as mãos, suplicantes e pondo os olhos em alvo, exclamaram em côro:

— Muitas graças, meu Deus! Quanto te sômos gratas, divino Jesus! Seja pelas tuas cinco chagas e pelo teu caliz de amargura! Ah! e se nós fossemos dar já esta importante nova á nossa santa e inconsolavel viuva? alvitrou a Mauperrin.

— Talvez que já recolhesse aos seus apensos, objectu a outra. E' melhor ficar para amanhã!

— Sim, amanhã.

No outro dia, a hora ainda muito matutina, já o telephone transmittia para o velho castello a noticia de que o doente, após a injeção e quando ella já começava a surtir os seus beneficos efeitos, um opportuno e providencial curandeiro fal-o tomar uma boa chavena de *Contre-Venin Anti-jesuítique*, que foi a perdição de tudo. O impio, muito extenuado, é certo, estava agora dormitando e informam-me que tem a bigodeira ainda mais hirsuta e lustrosa.

Ainda não foi d'esta!
Cruzes, mafarrico!

STYL.

O bello Antonio patriarcha de uma canna vae ser elevado a cardeal.
Inda chega a ser... *papa*.

O *bacoco* depois de velho fez-se frade.

E' sempre assim.

Epigramma

Sem noiva com apparencia
O *Manel* Simão Seresmo,
Rapaz que tem innocencia,
Demonstrou a *independencia*
Casando comsigo mesmo.

IGNACIO.

Até os mortos se levantam



—Olha para a carinha d'elles?! Patetas!

Vocês não sabem que o meu poder é sobrenatural? Que tudo brinca e dança á minha ordem?
Grandes palermas!

—Ainda nos havemos de encontrar um dia, lacaio indecente.

Copyright 1911 by Silva e Souza
Lithographed in Brazil
Published by Silva e Souza

Muitas beatas flammantes,
Assim com modos brejeiros,
E phrases insinuantes
Pediam febricitantes:
Caia, caia *sé* Medeiros.

E elle, de razões á mingua,
Só se agarrava ao poder!
A razão d'isso distingo-a,
Era pouco forte em lingua
P'r'a's conseguir... convencer.

Final 'té' minha prima,
Ao ve -o largar a pósta
Disse a rir o que aqui rima:
Temos o bispo por cima
Assim é que a gente gosta!

OSCA

Maura refila e engrila-se contra os
liberaes hespanhoes.
Não haverá nenhum cantinho dis-
ponível em Montjuich?

Fr. Sebastião de Beja levou a sua
por deante.
Antes fosse ao contrario, valha a ver-
dade!

O padre que estava no Corpo Santo
fugiu atraz do *homem da bomba*, mas
não o perseguiu nem gritou por soc-
corro.

Não seria o *grande criminoso* do
órrivel attentado alguma mosca vare-
jeira que fugisse assustada com o susto
do padre e o *heroísmo* do sacristão?

Realisa-se no sabbado, 6 de novem-
bro, n'este elegante theatro da calçada
da Estrella uma recita promovida pelo
actor Pedro Sampaio e o ponto Mario
Passos. Recomendamos o especta-
culo aos nossos leitores, porque os
beneficiados são dois rapazes traba-
lhadores e dignos do auxilio do pu-
blico.

O *radioso* mancebo parte para o es-
trangeiro na semana dos nove dias.

A noiva para o *menino* apparece
quando nascerem os dentes a uma
gallinha da India que ha lá no pala-
cio.

Conselhos d'um parvo

Não creias nos *boatos* que circulam.
A's vezes ruins venenos te inoculam!

Se quizerem dizer-te algum segredo,
Não o queiras ouvir. Tem de ti medo.

Quando alli te apontarem o inimigo,
Segue em frente. E' onde ha menos perigo.

Sem vontade não comas e não bebas,
E fuge de escutar quem não percebas.

Se és um velho, acompanha a mocidade;
Se és novo, vae buscar quem tenha idade.

TANSO.

Compram-se latas vazias, para fin-
gir bombas.

Egreja de N. S. d'Agrella. Carta ao
sacristão.

A final o *radioso* sempre se resol-
veu a ir áquellas partes já indicadas!
Vae e augmentou o numero de pa-
res de ceroulas!

Que bello Natal o das lavadeiras!

O Cardeira só se bate... com meio
bife!

Pum!... Lá estourou outra!
Não se assustem: foi o gato que dei-
tou a terra a escova do fato.

N'uma campa

Jaz aqui o Generoso.
Franco Mãos-largas do Bem,
Foi sempre um homem bondoso.
.....
Nunca deu nada a ninguem!

JANOTA.

Passou á historia a *Alma de Dios*.
Esta semana só a ouvimos rouque-
jada por duzentos gramophones e as-
sobiada pela garotada em flauta de
cocheira a todos os instantes.

Tout passe...

Dizem que o presente que o gover-
no dá ao rei no dia 15 do corrente é...
o pedido de demissão do ministerio.

O quê? só no dia 15?
Parece-nos fanfarronada!
Para o quê veremos!

As seis mulheres do sr. Pingouin

CAPITULO XV

Um escandalo na musica

— Hein? replicou a Eudoxia, avançando
ameaçadora, puxar-me as orelhas, vossé! Ha-
via de ter que vêr!

— E' já, se continuas! tornou o Theo-
phrasto, que começava a enfurecer-se.

— Experimente, velho palerma!... cão chi-
nez!... exclamou a Eudoxia, pegando n'uma
caçarola.

Os dois esposos jogaram á pancada perto
de uma hora, dizendo um ao outro os epith-
tos mais injuriosos.

Quando acabaram, o Theophrasto tinha o
nariz esgatanhado e a Eudoxia os olhos pi-
sados. O chão estava coberto de destroços de
toda a especie.

Uma frigdeira que a Eudoxia atirara á
cabeça do marido tinha passado pela janella
e, atravessando a rua, fór.. cahir no jardim
do capitão Tibole.

O sr. Pingouin ficou vencedor; definitiva-
mente d'alli em deante era um homem. A
Eudoxia teve um ataque de nervos, que d'esta
vez foi verdadeiro.

Depois de tornar a si, disse:

— Vossé não deixa de ser um libertino
medonho; tem seis mulheres como Henri-
que VIII.

O Theophrasto riu-se cynicamente e re-
pondeu, pensando na sr.ª Mouche, na sua
terna Leocadia:

— Deixa-me ter até sete, como o Barba
Azul, e não falemos mais n'isso. E' melhor
para nós e para a mobilia.

Justamente n'aquelle dia, um *five o'clock*
tea amigavel reunia o Jorge, o Dufour e o
Sécigner em casa do capitão Tibole.

Conforme á sua promessa, o advogado ti-
vera a irmã e o cunhado ao facto das infeli-
cidades dos esposos Pingouin, e elles tinham
realmente assistido á representação de uma
comedia á custa do interessante par.

A frigdeira que cahiu no jardim e que a
criada apanhou trouxe a conversação a res-
peito d'elles.

— Agora, disse a sr.ª Tibole, deixem-os
em descanso. Peço perdão para esses infeli-
zes!... Já tem soffrido bastante; se soffres-
sem mais, eram capazes de endoidecer!

— Tambem somos d'essa opinião, respon-
deu o Dufour para os companheiros; estamos
resolvidos a não os atormentar mais...

— Effectivamente, para castigo já basta,
acerescentou o capitão. Continuar era uma
brincadeira cruel.

EPILOGO

Quinze dias depois, o Dufour, o Sécigner e
o Jorge sabiram de Gourdeville e voltaram
a Paris, aonde os chamavam os seus misteres
e as suas relações.

O sr. e a sr.ª Pingouin viveram d'ora vante
tranquillos e de accordo, sem que nenhuma
nuvem fosse perturbar-lhes a felicidade, e
sem se importarem com os vizinhos.

A sr.ª Pingouin continuou a ir assiduamente
á missa com a sr.ª Duveau; ainda se entre-
teem a dizer mal do proximo, mas a Eudoxia
já não escreve cartas anonymas; o marido
vigia-a e não a deixa fazer mal. O sr. Pin-
gouin tomou a direcção da casa e não tem
medo da mulher.

A sr.ª Mouche já não se dá tanto com as
amigas, e a sua devoção diminuiu notavel-
mente desde a famosa entrevista com o sr.
Pingouin.

Tudo iria muito bem se, animado pelo seu
bom exito com a Leocadia, o sr. Pingouin
não andasse de quando em quando na vadia-
gem. Como tem dinheiro, diverte-se ás vezes
com as cantoras do *El Dorado de Gourde-
ville* e acaba a vida como a maior parte da
gente a começa; é o seu verão de S. Marti-
nho.

Apesar da sua extrema prudencia, por-
que lê os bilhetes amorosos na retrete, — a
Eudoxia dá ás vezes por isso. Mas, como está
convencida de que são inteiis as suas re-
prehensões, nunca lhe diz nada.

Agora é a sr.ª Mouche quem se encarrega
d'isso, e maravilhosamente. N'aquellas occa-
siões, o Theophrasto ensopa tres lenços a
limpar as faces gotejantes da sua muito sen-
sível Leocadia.

Agora, se o leitor se riu dos maus passos
do sr. Pingouin, faça-lhe humildemente notar
que se riu de coisas tristes e que deveriam
antes inspirar-lhe reflexões melancolicas.
Mas n'este mundo é regra geral rirem-se uns
da desgraça dos outros.

Convido-os a meditar n'este thema, e, se
o permittem, será isso a moralidade do pre-
sente livro.

Estarreceram de pasmo os reaccionarios tripeiros quando leram nos periodicos, á sahida da missa do meio dia nos Congregados, que cincoenta e sete cidades da França (salve erro) resolveram dar a uma das suas ruas o nome do grande martyr Ferrer.

Ainda impregnados de incenso, com o palito d'um padre nosso entre os dentes a escarafunchar o latim macarronico da missinha e cegos pelo sol que cahia a prumo, os nossos bons burguezes sentiram o frio proprio das occasiões criticas, ao deparar com tão estupenda noticia. As mamás nobres entreolharam-se horrorisadas e mal chegaram a casa, depois de alliviadas da tortura do espartilho, foram contar á vizinha do lado a ousadia dos jacobinos. Pelos cafés, nas sacristias e nas associações catholicas, entre um arrote conselheiral e uma pitada conservadora, fazem-se comentarios.

Rua Ferrer? Como se Ferrer, o heretico Ferrer, tivesse jus a ser immortalisado por tantas cidades, quando o illustre doutor Avides vê o seu nome no Porto n'uma unica rua e que por signal é largo!

Que fez o nosso doutor para não ir, como Ferrer, na trombeta da Fama por essas esquinas fóra exhibir-se ao tranzeunte? Ter um dia, quando a sorte o abandonou, perdido o badalo e exercer o espinhosissimo cargo de Presidente com "P", grande, sem o auxilio do dito penduricalho?

"Ingrata patria que tal filho teve!,"

No Primeiro de Janeiro de 26 do corrente, publicava a casa Tamegão — ferragens, cutelarias, etc., — um annuncio que fez escandalo n'esta nobre e pacata cidade.

Réclamava o tal estabelecimento, em caracteres garrafas, coichões de arame, os melhores, os unicos no genero. O maldito do compositor, esfomeado como um empregado publico no dia 15 do mez, depois de uma rapida luca com a consciencia que n'estes casos de barriga é sempre a primeira a fraquejar, não poude resistir á tentação e devorou o fructo prohibido — uma consoante.

Imaginem o successo do réclamo! As meninas romanticas, ávidas de sensações fortes, leram o annuncio seis mil e quinhentas vezes a fio e o sr. Tamegão com esta extraordinaria qualidade, o compositor com o seu involuntario espirito e o revisor com a costumada e burocratica distincção, foram cantados em tons maiores ou menores, — conforme o temperamento e as olheiras de cada uma . . .

... Vejam Vocellencias como se immortalisa um estabelecimento e os seus respectivos colchões . . . mesmo sem uma consoante! E como muitos maridos se sentiriam venturosos se tivessem a dita de poder comprar os ditos, para uso domestico...

Um episodio curioso que mostra a influencia da religião sobre a musica:

Ha n'esta cidade uma respeitavel familia que tem uns rebentos quasi humanos porque as suas figuras são uma especie de hesitação entre o homem primitivo e o macaco. Essa familia, riquissima, protege um harpista. Esse harpista foi convidado para occupar um logar na orchestra de um dos nossos theatros de operetta. Esse theatro, costumando metter em scena — opinião da tal respeitavel familia — peças pornographicas, é um perigo para as almas candidas, ainda que essas almas não se possam perverter, de embebidas nos encantos da solfa.

Vae a familia, prohibe o harpista de aceitar o contracto "para maior gloria de Deus." E ahi fica o artista, que eu não digo quem é mas que se chama Navone, impossibilitado de ganhar uns cobres, porque teve a infelicidade de se torquatiar por necessidade, mas salva, mais uma vez a honra do convento e com direito a um logar

vitalicio na piedosa orchestra celestial, sob a proficiente batuta do Padre Eterno . . .

O sr. Medeiros sahio; o sr. D. Sebastião ficou. Triumphou o clericalismo. Dizem os irreverentes: "Para que ha padres? De que nos servem? O que produzem?,"

Não é tanto assim, meus senhores! O padre nem só consome, tambem produz.

Quem diz o contrario é porque nunca provou dos celebres bifés á Padre Piedade...

RAFAEL.

Já não é a que estava para ser, mas é outra, porque aquella já estava. Que confusão!

S. Wenceslau, ora pró nobis! Amen.

O Rotschild vem jantar ao Martinho com o Monteiro Milhões.

De eniche?

Decerto o amigo Luso Perdeu n'um buraco escuso O papel da residencia; Mas eu não faço aranzel, Pois ou perdeu o papel Ou perdeu a paciencia!

E porque a letra está cara E escrever é coisa rara, Para o que não nasci eu . . .

Mirandela ó ai, ó ai Cantae, amigos, cantae, Que o Viu-se Grego morreu...

JOAQUIM.

Bate certo

A cloaca diz que a anormalidade constitucional deixou de existir.

Apoiado! Está tudo dentro da lei... d'archo!

O' mano Arreda, vá invernar para o estrangeiro a vêr se o petiz melhora. Não seja mausinho.

Wenceslau mais o de Beja Já fizeram patuscada, O de Beja comeu tudo E outro... apanha lambada!

Theatradas

Reabriu o antigo café Martinho com um luxo deslumbrante, colossal, phantastico, transcendente, extraordinario, incomparavel, unico, etc., etc., etc.

Faltam-nos os adjectivos, n'este momento solemne, senão tinhamos corda para vinte e quatro horas.

Dos generos e bebidas da casa nada po-

demos dizer por culpa nossa, visto que amavelmente fomos convidados para o copo d'agua, que por signal nos dizem ter-se transformado em muitos copos de vinho.

Estamos á espera que nos saia a sorte grande do Natal, para lá irmos tomar um café, podendo dar uma gratificação ao criado.

Até lá, temos que nos contentar com o cafésinho pataqueiro, Moka legitimo, que az menos mal aos nervos.

Felizmente, para satisfação das lusas gentes pouco abonadas, temos a abertura da época theatral.

Assim, enquanto num xe xabe que tere-mos em

D. Maria, que, pelos modos, tenciona abrir no mez de S. João, ja funciona, com a sua bella companhia e magnifico repertorio, o elegante theatro

D. Amelia, sob a sabia direcção do visconde de S. Luiz Braga.

Sentidos pezames lhe endereçamos pela inesperada morte do nosso Antonio Manuel, a quem todos estimavamos;

Coisas da vida ou, aliás partidas da morte! Adeante.

Em pleno successo continúa na Trindade a bella revista O paiz do vinho, que não quer ceder o logar ao Sonho da valsa, a finissima operetta comica que lá fóra tem agradado em cheio.

Ao que nos informam, é superior á linda Viuva alegre, que deu dezenas de enchentes e foi parodiada por Alvaro Cabral, o espirituoso actor-auctor, com a hilariente operetta Vivalegre, em scena, com grande entusiasmo, no

Avenida. A musica de Del-Negro é deliciosa e a peça tem graça ás pilhas.

Ha para todos os paladares. Quem gosta de commoções fortes e de molhar lenços com lagrimas, vae para o

Principe Real, vêr o Pé leve, que alterna com a Questão dos venenos e a Feticheira, em beneficicos. Quem gosta de rir a bandeiras despregadas, bate-se no

Gymnasio, onde o Valle, o Cardoso, o Alegrim, o Machado e a Jesuina não deixam de provocar a franca e espontanea gargalhada.

Amadores de revistas com piadinha fresca podem ir vêr a Abelha mestra á

Rua dos Condes, peça de truz, posta pelo Luz. Rímpe é verdade.

Quem se peillar por écuyères, palhaços, acrobatas e excentricos musicaes, lá tem agora uma bella companhia do genero no

Colyseu dos Recreios. Lá para dezembro, os amadores de boa musica apanham uma grande pechincha com uma companhia de opera lyrica, organizada pelo nosso bom amigo commendador Antonio Santos.

Além d'isso, vae abrir o Paraiso de Lisboa, sob a direcção do conhecido empresario John Walmon, que vae inaugurar os seus espectaculos populares com a engraçada revista Em aguas de bacalhau.

Continúa tendo enchentes o Salão Foz, que apresenta a troupe tyroleza, nos seus cantos e bailados, e os actores Barreiros e Rebocho fazendo um bello trio com a gentil actriz Perpetua Viegas.

A petizada faz as delicias do publico frequentador do Salão Rocio, que está sempre cheio.

Não ha pois motivo para passar as noites em casa.

E por isso, á falta de aventura sensacional, até apanharmos a taluda, o que é algo problematico, vamos andando pelos theatros, flauteando a porca da vida.

Faça o leitor o mesmo, mas não deixe de frequentar os lindos cafés e restaurantes deslumbrantes, artisticos e finos, se tem de rendimento para ahi uns trezen-tos mil réis por dia.

SECRETARIO.

Santo Deus! Que estrondo foi este! Seria alguma bomba?

— Olha tanta policia a correr para a nossa escada!!

— Não se assustem, é o visinho que está mal da barriga.

Nobres e Plebeus



F. J. de M.

Se julga que **cahiu**, está enganado,
Guindou-se até bem alto, ó seu Medeiros,
Cahir assim deviam os **parceiros** . . .
Mostrarem ser p'lo povo e não p'lo Estado!

Sim, por que ser por **este**, está provado
Que é ser pelos **sotainhas** bandedeiros,
P'los vis **roupetas**, maus e **traíçoeiros** ! . . .
Que julgam Portugal já conquistado!

Por anno pagas, **3é**, **sessenta** contos!
Sem **addicionaes**, sem **ter** descontos
P'ra na **sombra** trahirem teus **direitos** . . .

Se vês que **esse** empregado te não serve,
Devolve-o para **França** . . . e se se atreve
Não estejas com **pedantes** preconceitos!!!

Pichirínó.

MAGALHÃES PEIXOTO

Calculo Portatil — 3.ª edição, 300 réis, muito útil aos empregados do commercio.
Livros Praticos de Calculo Commercial — 2.ª edição, 1500 réis, conferencia e calculo de facturas portuguezas e estrangeiras. O primeiro livro que trata, d'este assumpto.
Exercicios Praticos de Escripuração Commercial — 1.ª edição, 700 réis, maneira de abrir a escripturação de um só individuo, ou de qualquer espec e de Sociedade.

A venda na **Livraria Verol & C.ª**

== 134 — Rua Augusta, 136 — Militar á porta — LISBOA — Junto á casa Gilia ==

A MENAGÈRE IDEAL

Dos GRANDES ARMAZENS DO CHIADO instaladas no andar interior d'estos armazens

GRANDE EXPOSIÇÃO da mais vasta galeria do paiz!

16 secções importantíssimas de utilidades domesticas!

Brindes **sensacionais a todas as crianças!**

A Bola de Sabão O brinquedo mais elegante da actualidade que offerece os

Grandes Firmazens do Chiado

Os mais resistentes e de mais nitidas cores são os
MOSAICOS GOARMON & C.ª

17, Travessa do Corpo Santo, 17

LISBOA